

Sobre alguns empregos do verbo grego *ser* no *Sofista* de Platão

Resumo

*O objetivo deste artigo é oferecer uma breve análise de algumas ocorrências do verbo grego ‘ser’ no **Sofista** de Platão. Em um primeiro momento, (I) discutiremos algumas abordagens tradicionais de algumas ocorrências do verbo na parte central do *Sofista*. Depois, (II) faremos uma breve exposição da tese de Jaakko Hintikka acerca da suposta ambiguidade do verbo. Para concluir, (III) mostraremos como o texto pode ser interpretado sem atribuir tais ambiguidades às ocorrências do verbo.*

Palavras-chave: Platão . *Sofista* . Verbo *ser* . Metafísica

Abstract

*The aim of this paper is to offer a brief analysis of some occurrences of the Greek verb ‘to be’ in Plato’s **Sophist**. To do that, we must first (I) discuss some traditional accounts of some occurrences in the central part of *Sophist*. Then, we (II) expound briefly Jaakko Hintikka’s thesis about the supposed ambiguity of the verb. To conclude, we finally (III) show how the the text can be interpreted without attributing such ambiguities to the occurrences of the verb.*

Key words: Plato . *Sophist* . Verb ‘to be’ . Metaphysics

O diálogo *Sofista* é obra capital para a compreensão do pensamento de Platão. No que diz respeito ao desenvolvimento da Teoria das Formas, Platão se esforça, neste diálogo, em oferecer uma abordagem satisfatória das relações

* Mestrando do Departamento de Filosofia da PUC-Rio. Pesquisador da Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

entre as Formas e os sensíveis particulares, tentando superar as dificuldades exploradas em textos anteriores, sobretudo no *Parmênides*. Esta tarefa de superação das dificuldades envolve certamente uma compreensão das regras que determinam as relações entre as Formas. Será que isso exige uma compreensão dos usos do verbo grego *ser*? No que tange a este último ponto, diversos estudiosos defendem que Platão realizou ou pelo menos pretendeu realizar a tarefa de desambiguação ou distinção dos diversos sentidos de εἶναι. De fato, o próprio texto do diálogo e inúmeros problemas nele abordados, assim como a já aludida posição do diálogo em relação a outros diálogos que tratam de temas interconectados, favorecem uma leitura deste tipo, isto é, favorecem uma interpretação do *Sofista* segundo a qual Platão estaria comprometido, entre outras coisas, com a tarefa de explicitar os diferentes sentidos do verbo grego *ser*. Em vista deste panorama, o presente artigo tem como pontos norteadores as seguintes questões: a reformulação da Teoria das Formas depende de fato de uma distinção dos diversos sentidos do verbo *ser*? Existem indícios textuais de que estas distinções são feitas de modo explícito?

Nossa exposição pode ser dividida em três partes: em um primeiro momento, (I) faremos uma breve exposição de alguns dos problemas que parecem depender de uma ambiguidade do verbo assim como das passagens nas quais Platão estaria realizando a tarefa de distinção de seus diversos usos. Em um segundo momento, (II) faremos rapidamente alguns comentários acerca da fundamentação mesma desta discussão, ou seja, sobre a tese de que este verbo específico possui algo como uma ambiguidade intrínseca. Por fim, na terceira parte, (III) retornaremos ao texto platônico com o propósito de verificar se, em vista de um contexto estendido, isto é, em vista de uma análise das passagens em questão tomando-as como partes integrantes do desenvolvimento de uma discussão filosófica de caráter mais amplo, a tarefa de desambiguação de εἶναι é necessária ao argumento.

I

Já mencionamos acima que certos problemas colocados no diálogo aparentemente dependem de uma ambiguidade no que diz respeito aos diversos usos de εἶναι. Pois bem, que problemas são esses e em quais passagens eles são tratados diretamente? Duas passagens específicas são suficientes para ilustrar o problema no qual estamos interessados: (i) a caracterização da noção de imagem no trecho compreendido entre 237 e 241 e (ii) a caracterização dos paradoxos levantados pelos velhos e jovens denominados ὄψιμαθεῖς, isto é,

aqueles que *aprenderam tarde*, que são *tardos na aprendizagem* ou simplesmente *velhos demais para apreender*.

Passemos à análise de (i). Uma *imagem* (seja εἰκών, εἶδωλον ou mesmo φάντασμα) *não pode mostrar e parecer* isto/algo e, ao mesmo tempo, ser *imagem*. Mas, afinal, o que é *imagem*? Teeteto oferece a seguinte definição: “que então (...) poderíamos dizer ser *imagem* exceto outro do mesmo tipo feito à semelhança do verdadeiro?” (τί δῆτα [...] εἶδωλον ἄν φαίμεν εἶναι πλήν γε τὸ πρὸς τἀληθινὸν ἀφωμοιωμένον ἕτερον τοιοῦτον; 240a7-8)¹. Então, após uma série de especificações adicionais que reforçam este estatuto ambíguo da *imagem*, o Estrangeiro conclui: “portanto não dizemos *imagem* o que, não sendo realmente, é realmente?” (οὐκ ὄν ἄρα [οὐκ] ὄντως ἐστὶν ὄντως ἢν λέγομεν εἰκόνα; 240b12-13). Consequentemente, a *imagem* caracteriza-se por ser e não ser, o que motiva a advertência de Teeteto: “corre-se o risco de que certo entrelaçamento deste tipo, e muito absurdo, entrelace *o que não é ao que é*” (κινδυνεύει τοιαύτην τινὰ πεπλεγθαι συμπλοκήν τὸ μὴ ὄν τῷ ὄντι, καὶ μάλα ἄτοπον, 240c1-2).

Dito de outra forma, sem recorrer aqui a uma leitura existencial das ocorrências do verbo², poderíamos dizer que a *imagem* constitui-se de modo que *não é* aquilo que faz aparecer ou que simplesmente projeta. No entanto, ela é alguma coisa, *é* *imagem*. De alguma forma, seu emprego na linguagem pressupõe uma contradição: *é e não é*. É *imagem* e *não é* aquilo que manifesta. A aporia, colocada nestes termos, parece depender da assunção de que o verbo *ser* possui apenas um uso determinado. Isto é, o verbo *ser* possui, por um lado, a função de especificar negativamente uma característica ou uma propriedade do sujeito, afirmando que *não é* o objeto que manifesta, e, por outro lado, a função de dizer o que ele é em si mesmo, que *é* *imagem*. Ao primeiro poderíamos atribuir um uso predicativo, que nega determinado predicado do sujeito. Ao segundo uma função de expressar uma noção de identidade, respectivamente³. À primeira vista, portanto, esta caracterização da dificuldade parece correta sob o ponto de vista estritamente linguístico.

1 A tradução das passagens em grego é de nossa responsabilidade.

2 Charles Kahn, em artigo sugestivamente intitulado “Por que a existência não emerge como um conceito distinto na filosofia grega?”, mostra que a discussão sobre usos eminentemente existenciais do verbo *ser* não constitui um tópico distinto da reflexão filosófica. Segundo Kahn, “tanto para Aristóteles quanto para Platão, a existência é sempre εἰὼναι τι, ser uma coisa ou outra, ser algo definido. Não há conceito nenhum de existência enquanto tal, para sujeitos de natureza indeterminada” (1997c:103). A ideia existencial é como que absorvida pela teoria da predicação e é expressa pelos usos copulativos do verbo.

3 Podemos ver a identidade como um caso especial da predicação. Mas trata-se de uma discussão que está para além da proposta deste artigo. O importante para a presente discussão é que tanto identidade quanto predicação se expressam por meio de usos incompletos do verbo *ser*.

Passemos agora ao exame de (ii), passagem na qual são expostos os paradoxos levantados pelos *ὄψιμαθεῖς*, ou seja, por aqueles que *aprenderam tarde* ou que são simplesmente *velhos demais para aprender*. A passagem é introduzida por meio do seguinte comentário: “expliquemos, então, segundo qual maneira chamamos a mesma coisa, em cada ocasião, por muitos nomes” (λέγωμεν δὴ καθ’ ὄντινά ποτε τρόπον πολλοῖς ὀνόμασι ταῦτόν τοῦτο ἐκάστοτε προσαγορευόμεν, 251a5-6). Como Teeteto solicita alguns exemplos, o Estrangeiro de Eléia os fornece. Ao utilizarmos em nossos discursos uma dada noção, como *homem*, por exemplo, nós geralmente o fazemos “aplicando-lhe muitas coisas, atribuindo-lhe tanto as cores quanto as formas, estaturas, males e virtudes” (πόλλ’ ἅττα ἐπονομάζοντες, τὰ τε χρώματα ἐπιφέροντες αὐτῷ καὶ τὰ σχήματα καὶ μεγέθη καὶ κακίας καὶ ἀρετάς, 251a8-10), de modo que “em todas estas e nas inúmeras outras afirmamos não apenas ser ele *homem*, mas também *bom* e outras <coisas> ilimitadas” (ἐν οἷς πᾶσι καὶ ἑτέροις μυρίοις οὐ μόνον ἄνθρωπον αὐτόν εἶναί φαμεν, ἀλλὰ καὶ ἀγαθὸν καὶ ἕτερα ἄπειρα, 251a10-b2).

A demonstração da possibilidade da predicação, por meio da qual podemos atribuir a um dado sujeito outras características que não a sua natureza essencial, digamos assim, será um verdadeiro *banquete* (θοῖνη) para os *ὄψιμαθεῖς*, isto é, prestará um grande serviço aos jovens e velhos que aprenderam tarde, para os quais “é impossível o múltiplo ser um e o um múltiplo, e <que> presumivelmente regozijam-se não concedendo que se diga que <0> homem é bom, mas <apenas>, por um lado, que o bom <é> bom e, por outro, que o homem <é> homem” (ἀδύνατον τὰ τε πολλὰ ἐν καὶ τὸ ἐν πολλὰ εἶναι, καὶ δῆπου χαίρουσιν οὐκ ἐώντες ἀγαθὸν λέγειν ἄνθρωπον, ἀλλὰ τὸ μὲν ἀγαθὸν ἀγαθόν, τὸν δὲ ἄνθρωπον ἄνθρωπον, 251b7-10). Ainda que este problema seja trivialmente resolvido em vista da Teoria das Formas conforme desenvolvida nos diálogos da fase intermediária, uma vez que não há nenhum problema em um item sensível participar de várias Formas, o próprio conceito de *participação* transfere esta dificuldade para o próprio domínio das Formas, conforme nos indica o diálogo *Parmênides*. Neste caso específico que ora analisamos, ao que parece, há como que um colapso entre os usos predicativos e os usos de identidade do verbo *ser*. Ou melhor, a cópula predicativa é reduzida a um signo de identidade, resultando inevitavelmente na impossibilidade de qualquer asserção não tautológica.

Se considerarmos apenas o aspecto linguístico das dificuldades (i) e (ii) examinadas acima, então tudo o que Platão precisa fazer para superar as dificuldades é oferecer uma distinção clara e explícita entre sentenças nas quais

o εἰῆναι exerce, por um lado, o papel de cópula predicativa e, por outro, o papel de signo de identidade. De fato, como vimos acima, o colapso ou a assimilação destes dois usos resulta na impossibilidade de caracterizar satisfatoriamente a noção de imagem e também na impossibilidade de formulação de sentenças predicativas não tautológicas.

É compreensível, portanto, que diversos autores tenham defendido a interpretação de que uma das tarefas do diálogo consiste justamente em realizar esta desambiguação. É o que Guthrie afirma textualmente: “talvez a maior contribuição do *Sofista* para a filosofia está na declaração de que (...) uma palavra pode ser usada em mais de um sentido (...) muitos dos argumentos da sofística apóiam-se sobre a assunção de que o verbo *ser* significa uma coisa e apenas uma coisa. Uma vez que se mostre que a mesma palavra nem sempre é usada para expressar o mesmo conceito – como, por exemplo, o de existência, o de identidade e o de atribuição, embora sejam expressos pela mesma palavra é – o pensamento grego tornou-se livre de todo um conjunto de problemas irreais” (Guthrie 1978:152). Crombie considera a questão da mesma forma, ao afirmar que “talvez um dos maiores propósitos do *Sofista* é livrar-se deles [i. é, dos problemas] por meio da tentativa de desembaraçar os vários sentidos de *einai*” (Crombie 1963:499). Ambos estão de acordo com Shorey, que sustenta a tese de que Platão “estabeleceu o fundamento da lógica” por meio de uma “distinção explícita da cópula do ‘é substantivo’”⁴ (Shorey 1933:298).

Pois bem, se esta desambiguação é de fato uma das tarefas principais do diálogo, em qual passagem e em que termos ela é colocada e desenvolvida por Platão? Esta pergunta nos conduz ao núcleo mesmo do diálogo, à parte central, na qual o Estrangeiro de Eléia leva a cabo a demonstração de que há uma tecitura, uma combinação ou ainda *uma participação das Formas umas com as outras* (ἢ ἀλλήλων τῶν εἰδῶν συμπλοκή, Cf. 259e6). Analisemos a seguinte passagem:

τὴν κίνησιν διὴ ταυτόν τ' εἶναι καὶ μὴ ταυτόν ὁμολογητέον καὶ οὐ δυσχεραντέον. οὐ γὰρ ὅταν εἴπωμεν αὐτὴν ταυτόν καὶ μὴ ταυτόν, ὁμοίως εἰρήκαμεν, ἀλλ' ὅπῃ μὲν ταυτόν, διὰ τὴν μέθεξιν ταύτου πρὸς ἑαυτὴν οὕτω λέγομεν, ὅταν δὲ μὴ ταυτόν, διὰ τὴν κοινωνίαν αὐθιγέρου, δι' ἣν ἀποχωριζομένη ταύτου γέγονεν οὐκ ἐκεῖνο ἀλλ' ἕτερον, ὥστε ὀρθῶς αὐτὸ λέγεται πάλιν οὐ ταυτόν (256a10-b4).

4 Ver também Conrford (1951:296).

Deve-se admitir, portanto, sem se chocar, que o movimento é tanto o mesmo quanto não <é> o mesmo. Pois, quando o dizemos o mesmo e não o mesmo, não falamos do mesmo modo. Mas, por um lado, toda vez <que o afirmamos> o mesmo, por causa da participação do mesmo com relação a si próprio falamos deste modo. Por outro lado, quando <o afirmamos> não <ser> o mesmo, ao seu turno, é por causa da comunhão com o outro, pela qual, separando-se do mesmo, o torna não este, mas outro, de modo que corretamente diz-se, mais uma vez, não <o> mesmo.

Aparentemente, temos acima a conjunção de duas sentenças contraditórias: “movimento *é* o mesmo” (κίνησις ἐστὶ ταυτόν) e “movimento não *é* o mesmo” (κίνησις οὐκ ἔστι ταυτόν). Mas, segundo o Estrangeiro de Eléia, não devemos nos espantar com esta contradição, pois não se fala ὁμοίως, isto é, não se fala da mesma maneira ou igualmente. Concentremo-nos nas expressões (1) διὰ τὴν μέθεξιν ταύτου ἑαυτήν, que traduzimos acima simplesmente como “por causa da participação do mesmo com relação a si próprio” e (2) διὰ τὴν κοινωνίαν θατέρου, que vertemos para o vernáculo simplesmente como “por causa da comunhão com o Outro”. A preposição διὰ seguida de acusativo indica geralmente uma noção de causa e pode ser traduzida simplesmente como “por causa de”, conforme nossa opção acima. Neste caso específico, porém, segundo Ackrill, a expressão não tem como função apenas indicar a causa, isto é, não se refere apenas a algum evento ou situação que resultou ou simplesmente causou o estado descrito pela sentença antecedente. Na verdade, a expressão introduzida por διὰ fornece uma espécie de expansão, ou seja, uma redescrição ou análise das sentenças construídas a partir do verbo grego *ser* que se revelaram contraditórias (Ackrill 1965:208).

Esta redescrição revela o que está realmente sendo asserido em cada uma das sentenças, tornando mais claro o que a estrutura superficial das frases oculta. A sentença κίνησις ἐστὶ ταυτόν é redescrita por meio da expressão (1) acima, o que nos dá “movimento participa do mesmo com relação a si próprio”. A sentença κίνησις οὐκ ἔστι ταυτόν, ao seu turno, é redescrita pela sentença (2), o que nos dá “movimento participa do outro (com relação ao mesmo)”. Segundo Ackrill, o essencial da análise platônica das duas sentenças é o seguinte: quando ἔστιν é utilizado como cópula predicativa é substituído na redescrição do filósofo simplesmente por participa (μετέχει); a redescrição do οὐκ ἔστι, nos casos em que ἔστι funciona não como cópula predicativa mas como signo de identidade, é *participa do outro com relação a*

(μετέχει θατέρου πρός). Ou seja, a reformulação ou redescrição do filósofo elucida a diferença entre o *é* copulativo, que apenas liga dois conceitos, e o *é* (ou o *não é*) que expressa a noção de identidade (ou diferença) e que, ao mesmo tempo, indica que algo cai sob o conceito de identidade ou de diferença (Ackrill 1965:210).

II

Esta terminologia, no entanto, utilizando-se de termos como identidade, predicação e existência é completamente estranha a Platão. O que ocorre, em geral, quando se trata de interpretar os usos filosóficos antigos do verbo *ser*, é simplesmente uma espécie de projeção das acepções hoje disponíveis sobre textos antigos (Brown, 1994:212). A utilização indiscriminada destes conceitos para interpretar o pensamento grego antigo é, no mínimo, problemática. Segundo Hintikka⁵, por exemplo, nenhum filósofo antes do século XIX defendeu que os verbos da linguagem natural para *ser* possuem esta ambiguidade múltipla. Segundo este autor, a incapacidade de distinguir o fato de uma palavra possuir diversos empregos conforme o contexto do fato de que uma palavra é ambígua, isto é, que possui diversos sentidos, acaba por obscurecer a nossa compreensão dos usos filosóficos antigos desta palavra (Hintikka 2006:362).

Segundo Hintikka, Frege e Russel foram os primeiros a defender a tese de que os verbos da linguagem natural para *ser* são ambíguos. Aliás, uma das características que distingue a lógica moderna da antiga é justamente a incorporação destes diversos sentidos do verbo *ser* em notações distintas. Por exemplo: a predicação se expressa pela justaposição, ou melhor, por uma variável ocupando a lacuna de uma expressão predicativa $F(x)$; a identidade se expressa pelo signo de identidade $a=b$; a existência, ao seu turno, se expressa por meio do quantificador existencial $(\exists x)F(x)$. Nos cursos introdutórios de lógica, aprendemos não apenas a utilizar corretamente estas notações distintas, mas também e sobretudo que as distinções correspondentes a estas notações constituem um aspecto inviolável de toda a lógica (Hintikka 2006:360).

5 Beneficiamo-nos aqui imensamente da frutífera conferência intitulada “It all depends on what ‘is’ is: a brief history of the concept of being”, apresentada pelo professor Hintikka no dia 20 de maio de 2008 no Colóquio de Filosofia promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUC-Rio.

Ora, se se toma a questão desta forma, isto é, se tomarmos esta tese de Frege e Russel segundo a qual o verbo *ser* é multiplamente ambíguo como uma lei eterna e imutável que qualquer filósofo em qualquer estágio da história deveria perceber, então tenderemos ou a (a) censurar os filósofos que não detectaram ou mencionaram explicitamente esta ambiguidade ou (b) tentaremos mostrar a todo custo que um determinado filósofo não apenas detectou a ambiguidade, mas também procurou elucidá-la de forma explícita, conforme o fazem diversas interpretações de Parmênides de Eléia e do próprio Platão.

A atribuição, seja do reconhecimento seja do desconhecimento da ambiguidade aos filósofos gregos foi encorajada também pelo que se tornou conhecido pela regra de Hermann, filólogo e helenista alemão do século XIX. O propósito da regra de Hermann é utilizar o sistema de acentos da língua grega para identificar alguns dos sentidos de εἶναι já mencionados. Tomado em sua forma finita, εἶσσι, com acento órtoto, indicaria a significação que possui como complemento explícito uma expressão predicativa, enquanto que, por outro lado, εἶσσί, com acento enclítico, requer um predicado adicional de existência, implícito no texto. Apesar de ter sido formulada anteriormente aos trabalhos de Frege e Russell, a regra de Hermann favorece a projeção da tese da ambiguidade do verbo *ser* aos gregos porque permite que, em cada ocasião, interpretemos as ocorrências do verbo como se apenas um dos seus pretensos sentidos esteja presente.

Segundo Hintikka, o problema com a tese da ambiguidade não é o fato de que o verbo possua diversos usos, o que de fato ele possui, mas a atribuição destes diversos usos a uma ambiguidade do verbo, isto é, como se o verbo possuísse diversos sentidos separados uns dos outros. Ou seja, o problema da tese da ambiguidade é que ela atribui as diferenças de usos a uma ambiguidade de uma simples palavra, ao invés de tratá-las como diferenças nos contextos nos quais são utilizados (Hintikka 2006:362).

Além disso, a descrição da solução oferecida em (I), comprometida como está com a tese da ambiguidade, apesar de correta segundo o consenso linguístico ou simplesmente lógico, possui uma perigosa desvantagem filosófica, pois descrever a solução como um simples processo de desambiguação ou distinção dos diversos sentidos do verbo *ser* pode nos levar a negligenciar o papel evidentemente fundamental exercido pelas Formas no diálogo em questão. Pois os paradoxos são resolvidos por meio de uma espécie de *re-descrição*, na *linguagem do filósofo*, das sentenças acerca das Formas mesmas que se revelaram paradoxais ou, recorrendo aqui à feliz expressão de Ryle,

das sentenças que se revelaram *sistematicamente enganadoras* (systematically misleading)⁶.

III

Pois bem, voltemos ao texto platônico. Será que Platão estabeleceu explicitamente algumas destas distinções entre diferentes sentidos do verbo, conforme apresentado em (I)? Ou será que ele não estava consciente de que, em cada caso, tratavam-se efetivamente de usos distintos que o leitor atento poderia ou pelo menos *deveria* perceber? O que devemos procurar no texto para que possamos afirmar com alguma margem de segurança que Platão está se utilizando de fato de um ou outro sentido do verbo ou mesmo está realizando esta tarefa de desambiguação?

Se atentarmos para o texto, veremos que o que é distinguido explicitamente em 256a10-b4 são as utilizações distintas do termo *mesmo* e *não mesmo* no que diz respeito ao movimento, e não propriamente utilizações ou sentidos distintos do verbo *ser*. Tenhamos em mente que o paradoxo que o Estrangeiro tenta superar nesta passagem específica é a conjunção de duas sentenças contraditórias: “movimento é o mesmo” (κίνησις ἐστὶ ταυτόν) e “movimento não é o mesmo” (κίνησις οὐκ ἔστι ταυτόν). Uma das formas de resolver esta contradição é adotar a interpretação oferecida na primeira parte do presente artigo, ou seja, sustentar que a contradição é desfeita por meio de uma distinção dos diversos sentidos de εἶναι. Uma outra forma de resolver o paradoxo é se concentrar nas expressões *o mesmo* e *não o mesmo* e tentar elucidar as suas estruturas ontológicas subjacentes, conforme o procedimento já exposto anteriormente. E é exatamente este procedimento que o Estrangeiro parece colocar em prática: “pois, quando o dizemos <i. é, o movimento> *o mesmo* e *não o mesmo*, não falamos do mesmo modo” (οὐ γὰρ ὅταν εἴπωμεν αὐτὴν ταυτόν καὶ μὴ ταυτόν, ὁμοίως εἰρήκαμεν, 256a11-12). Nesta passagem específica não há qualquer ocorrência do verbo grego *ser*. A análise do Estrangeiro se detém nas expressões ταυτόν e μὴ ταυτόν. As sentenças nas quais ambas as expressões ocorrem são expandidas, res-

6 Tratam-se de expressões sintaticamente impróprias para expressar o estado de coisas a que pretendem se reportar, de modo que sugerem que o estado de coisas em questão é diferente do que de fato é (Ryle 1975:11).

pectivamente, por meio das descrições (1) *participa do mesmo com relação a si próprio*, ou seja, é igual a si próprio e (2) *participa do outro* (com relação a si próprio), ou seja, é algo outro que não ao que ele é igual. Este simples procedimento, ao que parece, é suficiente para debelar os paradoxos mencionados.

É importante notar também que a sentença negativa é interpretada em termos de participação na Diferença ou no Outro, ou seja, em termos puramente positivos, pois é justamente a superação do argumento sofisticado acerca do *não-ser* que motivou toda a discussão desta parte central do diálogo (Gosling 1983:218). Assim, a expansão ou redescritção de “movimento não é o mesmo” (κίνησις οὐκ ἔστι ταυτόν) por meio de “movimento participa do outro (com relação a si próprio)”, na medida em que redescrive o conceito de *não mesmo* em termos de diferença, é um passo fundamental para a resolução não apenas dos paradoxos apontados na primeira parte da presente comunicação, mas também para a realização da tarefa inicial do diálogo, que é delimitar a natureza polimórfica do sofista.

Já mencionamos anteriormente que descrever a solução como um simples processo de desambiguação ou distinção dos diversos sentidos do verbo ‘ser’ pode nos levar a negligenciar o papel fundamental exercido pelas Formas. Colocando a questão puramente em termos de identidade e predicação, tenderemos a tomar a teoria do entrelaçamento das Formas como uma teoria da predicação e as formas mesmas como simples conceitos. Não por acaso, os autores que defendem a visão de que Platão, no Sofista, está comprometido com a tarefa de desambiguação dos diversos usos de εἶναι, como Ackrill (1965), Owen (1986) e Frede (apud Rosen 1983), só para ficarmos com os mais conhecidos, tendem a tratar as formas como simples conceitos. Segundo Stanley Rosen, no entanto, há uma diferença fundamental entre predicação e tecitura de Formas. Na predicação, afirmamos que um elemento está contido no outro, de forma acidental ou essencial. Na tecitura das Formas, não precisamos fundi-las ou tomar uma como constituinte da outra. Ou seja, as Formas não se tornam elementos essenciais, digamos assim, dentro da estrutura de outras Formas por meio da combinação. O Ser, tomado aqui como Forma, não se torna Movimento ao se combinar com este (Rosen 1983:232). Segundo Rosen, este problema da ambiguidade do verbo grego *ser* adquire relevo somente quando se aplica de forma indiscriminada um quadro de referência aristotélico-fregeano, ou seja, pós-platônico, na tentativa de elucidar os problemas tratados nos textos platônicos (Rosen 1983:240).

Ainda que este procedimento seja capaz de fornecer importantes elementos para a compreensão de inúmeros problemas tratados no texto platôni-

co, não devemos negligenciar, por outro lado, o fato de que o *Sofista*, assim como qualquer diálogo de Platão, adquire maior relevância filosófica somente quando situado no contexto mais amplo do desenvolvimento de sua Teoria das Formas. E a tarefa do Sofista, em vista deste contexto estendido, pode ser vista como uma tentativa de oferecer uma abordagem satisfatória das relações entre as Formas e os sensíveis particulares, tentando superar as aporias detectadas em textos anteriores, sobretudo no *Parmênides*.

Referências Bibliográficas

Ackrill, J. L. "Symploke Eidon". In: Allen, R. E. *Studies in Plato's Metaphysics*. London: Routledge & Kegan Paul, 1965, pp. 199-206.

_____. "Plato and the copula: Sophist 251-9". In: Allen, R. E. *Studies in Plato's Metaphysics*. London: Routledge & Kegan Paul, 1965, pp. 207-218.

Bernardete, Seth. "On Plato's Sophist". In: *Review of Metaphysics*, n. 46, 1993, pp. 747-780.

Brown, Lesley. "The Verb 'to be' in Greek philosophy: some remarks". In: Everson, Stephen (ed.). *Language. Companion to ancient thought 3*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, pp. 212-236.

_____. "Being in the Sophist: a Syntactical Enquiry". In: Annas, Julia (ed.). *Oxford Studies in Ancient Philosophy*. v. IV Oxford: Clarendon Press, 1986, pp. 49-70.

Cordero, Nestor-Luiz. *Le Sophiste*. Trad. Nestor-Luis Cordero. Paris: GF-Flammarion, 1993.

Cornford, F. M. *Plato's Theory of Knowledge*. London: Routledge & Kegan Paul LTD, 1951.

Crombie, I. M. *An Examination of Plato's Doctrines*. V. II. London: Routledge and Kegan Paul, 1963.

Gerson, Lloyd P. *Plato on Identity, Sameness, and Difference*. In: *The Review of Metaphysics*, n. 58, 2004, pp. 305-332.

Gosling, J. C. B. *Plato*. London: Routledge & Kegan Paul, 1983.

Hintikka, Jaakko. "Existence and Predication from Aristotle to Frege". In: *Philosophy and Phenomenological Research*, Vol. LXXIII, N. 2, 2006, pp. 359-377.

- Kahn, Charles. "O verbo grego 'ser' e o conceito de ser". In: *Sobre o verbo grego ser e o conceito de ser*. Rio de Janeiro: Núcleo de Estudos de Filosofia Antiga, Departamento de Filosofia da PUC-RJ, 1997a, pp. 1-32.
- _____. "Ser em Parmênides e em Platão". In: *Sobre o verbo grego ser e o conceito de ser*. Rio de Janeiro: Núcleo de Estudos de Filosofia Antiga, Departamento de Filosofia da PUC-RJ, 1997e, pp. 197-227.
- Owen, G. E. L. "Eleatic Questions". In: Furley, David J. *Studies of Pre-socratic Philosophy*. V. 2. London: Routledge & K. Paul, 1970, pp. 48-81.
- _____. "Plato on Not-Being". In: *Logic, Science, and Dialectic*. Ithaca, N.Y.: Cornell University Press, 1986, pp. 104-137.
- Pelletier, Francis Jeffery. "Plato on Not-Being: Some Interpretations of the SUMPLOKH EIDWN (259E) and their relation to Parmenides' Problem". In: *Midwest Studies in Philosophy*, 8, pp. 35-65.
- _____. *Parmenides, Plato, and the Semantics of Not-Being*. Chicago: University of Chicago Press, 1990.
- Platão. *Diálogos: Fédon, Sofista, Político*. Trad. Jorge Paleikat e João Cruz Costa. Rio de Janeiro: Ediouro, 1970.
- _____. *Platonis Opera*. Oxford: At Clarendon Press, 1941.
- _____. *Sophist*. Trad. H. N. Fowler. London: William Heinemann, 1987.
- _____. *Le Sophiste*. Trad. Nestor-Luis Cordero. Paris: GF-Flammarion, 1993.
- Rosen, Stanley. *Plato's Sophist: The Drama of Original and Image*. New Haven: Yale University Press, 1983.
- Ryle, G. "Expressões sistematicamente enganadoras". In: *Ensaio (Os Pensadores)*. São Paulo: Abril Cultural, 1975, pp. 9-28.
- Shorey, Paul. *What Plato Said*. Chicago: Chicago University Press, 1933.
- Wolff, Francis. "Dois destinos possíveis da ontologia: a via categorial e a via física". In: *Analytica*, v.1, n.3, 1996.